

# **Alquimias do amor♦**

(e o nó da transferência)

*A vida cotidiana da psicanálise III*

Marcus André Vieira

A associação livre favorece a apresentação do sujeito do inconsciente, o que leva a uma recomposição de memória que Lacan chamou *ressignificação*.

Essa resignificação de si é acompanhada da certeza de uma *verdade*, experimentada no encontro com as falas de sujeito recalçadas.

A certeza se apoia na *descarga* de tanto de libido até então represada que se tornou disponível.

Quando alguém se faz depositário dessa libido, o sentimento de verdade e certeza do que foi vivido passa a lhe ser atribuído. Ele passa a encarnar e potencializar as descobertas que recompõem o eu.

Freud propõe definir essa operação como uma experiência de amor, até certo ponto artificial, que chamou de transferência.

Amor? Artificial?

## **I O amor em outros mundos**

O analista, por ter seu ofício pautado pelo amor de transferência, talvez tenha algo a dizer sobre o amor. No entanto, só o apreende “de dentro”, sempre de algum lugar específico em que é posto pelo analisante na transferência. Dessa forma, jamais tem dele uma visão panorâmica, de observador, que, sabemos é sempre uma posição de pretensão domínio, do mestre. Então, melhor descartar de saída qualquer pretensão de entender ou explicar esse fenômeno apaixonante que é o do amor. Aliás, o amor é assim mesmo, precariza qualquer mestre, já que ninguém tem dele um ponto de vista geral nem definição precisa a não ser, de tão distanciado, perdendo-se da experiência amorosa.<sup>1</sup>

Sendo assim, partamos de duas premissas que me parecem razoáveis sobre o amor: A experiência amorosa tanto é bem concreta, passa pelo corpo de alguém, quanto remete-nos a uma esfera além do que o eu e a consciência podem acessar.

Por isso, tende-se a imaginar sua causa em algum plano espiritual (o de uma alma gêmea, por exemplo) ou mesmo corporal (cerebral, ferormônios complementares, e assim por diante).

Freud propõe que o amor seja tomado como fenômeno exclusivamente deste mundo, da história de uma vida e de seus encontros, sem que seja necessário incluir dimensões extramundanas. Ao mesmo tempo, ainda assim é possível que o dado transcendente do amor esteja presente.

A chave será o modo como lidamos com nossas memórias. Amor é coisa grande. Grande parte depende de uma função da memória. É dessa parte que vamos falar.

---

♦ Texto redigido com base na transcrição do encontro assim como das notas do autor.

## II Amores passados

Freud encontra essa questão quando supõe que o amor de transferência é repetição. Isso nos leva a pensar que ele seria um falso amor, artificial. Vai nessa direção a definição conhecida da transferência como “neurose artificial”.

Lacan vai buscar outro Freud para deixar claro que o amor de transferência é um verdadeiro amor, porque todo amor é sempre reedição de amores passado. O amor inclui um tanto de registro e memória. Ela é necessária para a realização desde atos mais simples, como quando tomamos um copo d’água, até o que vivemos em termos de sentimentos e paixões.

Situações de estranhamento e perda do afeto por seres amados, por exemplo, em casos de Alzheimer, nos levam a tender para: Só se ama a partir da memória. Como entender, então, a transcendência do amor?

Com sua teoria do *proton pseudos* Freud propõe a resposta que resumo da seguinte maneira:

Quando ocorreu nossa primeira experiência de satisfação ainda não éramos alguém, pois assumimos que não há eu prévio ao Outro. Não havia ninguém, portanto, para viver essa experiência, mas ela fica gravada. No próximo momento em que houver urgência de satisfação, o registro da primeira experiência será acionado. Ao encontrarmos algo no mundo que nos satisfaça novamente, esse encontro trará consigo o sentimento de estarmos nos relacionando não apenas com o que vivemos, mas igualmente como a experiência de um reencontro com um momento “anterior a mim mesmo”, já que, de fato, só somos sujeitos quando já temos as marcas que nos permitem orientar no mundo em busca da ação específica. A primeira experiência se deu quando ainda não havia ninguém ali pra vivê-la, por isso o acionamento de seus trilhamentos parecem provir de um fora da história, que chamei até aqui transcendente. É o modo peculiar de transcendência, a transcendência do inconsciente é pé-no-chão ou, como diz Lacan, o inconsciente freudiano é um “saber que não sabe”.

## III Sujeito que supostamente sabe

Essas experiências originárias, assim como as que foram recalçadas a seguir, permanecem em torno do eu sem que ele tenha como reconhecê-las. Lacan destacará elementos da obra freudiana que lhe permite propor algumas ferramentas no sentido de uma ação psicanalítica a partir da química do amor. Vamos examinar quatro delas. Sujeito, ideal, objeto e paixão.

Cada uma delas oferece um modo de lidar com esse isso que sentimos estar ali, mas não há como ler, conhecer. Todas se baseiam na premissa de que estamos lidando com um fenômeno mundano e não referido a outras vidas ou outros planos de existência. Elas precisam ser tomadas como um nó, não existe uma sem a outra, mas, para fins de exposição, vou abordar uma a uma como em uma sucessão diacrônica de predominância ao longo do ensino de Lacan.

O primeiro protagonista conceitual é o sujeito. Neste caso, o isso, é um furo. É o sujeito suposto saber. Localiza-se, assim como o sujeito, como já vimos, de modo intervalar. É mais fenda que furo, entre dois aspectos de mim, entre dois significantes nos termos de Lacan. No caso da análise, da relação analisante/analista ele se situará, então, entre os dois. Entre o eu e o outro, neste

espaço é que se apresentará a fala de sujeito, sujeito do inconsciente, sem a consistência do eu e, por isso, mesmo cheia de uma intensidade potencial.

Lacan dirá então que é a instalação do *sujeito suposto saber* (expressão que seria mais corretamente traduzida por *sujeito que supostamente sabe*) que permite que a análise comece.

Tudo se passa segundo a estrutura do conhecido poema da Mario de Sá Carneiro:

*Eu não sou eu nem sou o outro  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio.  
Que vai de mim para o outro.*

Freud leria esse poema de modo distinto: Minha verdade como sujeito, não se localiza nem em mim, nem no analista, mas se apresenta entre mim e ele. Resta dizer que o tédio, apesar de estar presente em muitos relatos de analisante e de analistas, não é o que caracteriza uma análise em curso, mas o amor. O amor é pilar da ponte do amor, localizando que o que mais importa na vida está entre nós.

#### **IV Eu ideal e Ideal do eu**

Certo, o intervalo, o entre é essencial para a magia do amor, mas o amor de que falamos, e talvez qualquer amor, exige um encontro concreto com o outro.

O outro amado tem sempre um *isso*, um *não-sei-quê*. E já vimos, que este *isso* não se situa no plano do saber, porque o saber que conta, já vimos, vai aparecer entre o eu e o outro e não nele. Será necessário que haja, então, igualmente algo no corpo do amado que marque sua presença e existência viva.

Lacan propõe, então, mais um conceito para orientar o analista nesse campo. O do ideal, que será decomposto em dois elementos. É preciso que o corpo do amado tenha as insígnias do Ideal e, além disso, que possa sustentar os valores do ideal. O primeiro será chamado de eu-ideal e o segundo de Ideal-do-eu.

O eu ideal é aquele que quero alcançar, por exemplo um corpo forte no sentido de musculoso. O Ideal do eu é o ideal de fortaleza, firmeza e segurança que não se confunde com o corpo trabalhado, mas que lhe dá vida, pois nunca chega a realizar integralmente. Nessa dialética, Lacan situa uma série de diferenças práticas e nos permite ver ainda como hoje, estamos afogados num hiperdimensionamento cotidiano do eu-ideal enquanto vivemos o esvaziamento do ideal do eu. “Ideal”, hoje é sempre uma figura, uma imagem que se deve alcançar e quase nunca uma ideia ou valor abstrato que se deve tentar materializar segundo a interpretação de cada um.

#### **V Objeto a**

Nossa última parada nesse trem da clínica lacaniana será a do objeto. Já temos, para a alquimia do amor, dois eixos: furo e intervalo (sujeito) + corpo, imagem e algo mais (ideal).

Um terceiro eixo se delineia ao longo do ensino de Lacan. Percebemos que ele precisou sujar a coisa um pouco. Para começar, Lacan chama o *isso*, o *não-sei-quê* de significante *qualquer*, um traço que, quando encontrado, sempre me parece gratuito, como se não fosse bem *isso*. A seguir, ele dá corporeidade a esses

traços, elementos meio aleatórios que parecem entrar em toda composição amorosa, chamando-os de objetos. E reúne esses detalhes, já não tão divinos, ou sublimes de restos.

É, então, um objeto qualquer. Preferiria que Lacan tivesse escolhido outra letra, ele poderia ter sido denominado objeto **x**, ou objeto **q**, mas Lacan tem suas razões que não cabe retomar aqui. O fato é que escolhe a letra **a**, de todo modo para indicar que esse objeto pode ser tanto de grande valor quando nada agradável. É o que se desconhece, o que precisa estar ali, mas só embaixo do tapete, pois sua presença perturba demasiadamente para que haja só prazer agradável.

Objeto **a** nomeia qualquer objeto que seja mais resto de amores antigos do que do amor que se busca. E são restos rejeitados, recalçados!

Para entender melhor essa ambiguidade entre prazer e angústia é preciso ouvir as falas do amor quando ele é intenso, paixão (cf. citações selecionadas por Juliana Villa-Forte).

Por ser objeto, não é mais um vazio e texto sem corpo, como o sujeito. É um objeto, corporal, que encarna em determinado contexto, em determinada cena, o isso. Não é “isso”, como pronome quando não sei bem como dizer o que é, como no caso do sujeito, é mais o *isso* como nome próprio, substantivo, quando preciso indicar uma presença, pulsional, gozosa. Enquanto o furo do sujeito é um ponto de interrogação essa coisa que o meu amor tem é um ponto de exclamação.

Esta presença, ao contrário daquela do sujeito, não é presença de uma ausência, fugidia, mas presença que encontro sempre ao dobrar a mesma esquina e sou eu que não a suporto e a cubro com um véu ou fujo para não encará-la de frente.

Entende-se como este objeto que me transtorna, me fascina e causa horror ao mesmo tempo e que por isso retorna incessantemente nos sonhos é a chave da repetição. A cada esquina amorosa, quase topo com ele para, no momento mesmo que ele ia surgir eu fuja para me salvar da dissolução ou então mergulhe de vez, perdendo-me de mim. Duas posições clássicas, patriarcais, se definem com relação a este objeto. A preservação, tipicamente masculina do eu, da estabilidade narcísica, ou entrega aos desvarios do amor classicamente feminina. Aqui se situa inclusive o dito “dedo podre” e aquele dito de que “o ex retorna no corpo do próximo namorado, caso não se faça análise”.

## **VI As paixões do ser**

Dada a estranheza deste objeto, impossível considerar que é apenas pelo amor que se presenta. Já circunscrevemos sua presença associando-a ao amor como paixão, mas Lacan vai vincular a presença deste objeto ao ódio e à ignorância.

A química da transferência será desdobrada por ele, então, em três aspectos da paixão: amor, ódio e ignorância. Serão consideradas como sempre entrelaçadas, nunca totalmente sozinhas. Não seria assim também nos amores que vivemos, sempre um nó de ao menos três?

Essas três paixões serão definidas como três maneiras de viver a besteira (o objeto a), aquilo que não podemos admitir de nós mesmos. Tanto no plano da experiência afetiva como no plano da linguagem. Para Lacan são duas faces da mesma coisa. Não há oposição entre o corpo afetado e a linguagem. Esse nó da

transferência e das paixões tem em seu coração o objeto a. Vejam, então, essa série que ele organiza já em seu primeiro seminário a que acrescenta mais tarde, em seu trabalho com a figura topológica do *cross-cap*, o resto como ponto de enlace.

	e o objeto a	Conceito freudiano	Na experiência da identidade (o narcisismo)	Na experiência da linguagem	Na experiência coletiva
<b>Amor</b>	Fusão e ligação	Condensação	Empatia	Ambiguidade	Comunhão
<b>Ódio</b>	Expulsão e frieza	Negação	Lucidez	Erro	Aniquilamento
<b>Ignorância</b>	Incompreensão e obscurantismo	Deslocamento	Inexperiência	Imprecisão	Utopia

---

## VII Política do desejo

De todo modo, no caso do analista esses requisitos todos fazem com que Lacan diga que a ele: “Não basta ser Tirésias, é preciso ter mamas”. O analista deve ser capaz de ouvir e sustentar estranhas “besteiras”.

Mas para que isso tudo? O analista é tomado por estes caminhos da paixão. Não se trata saber como causar essas paixões, mas como portar-se, nelas, de maneira a que haja a novidade analítica.

Qual? De maneira muito esquemática e rápida, para concluir, diante da pergunta:

O que faz uma análise com esse objeto delicioso e infernal? Primeiramente opera, como sintetiza J. A. Miller, por redução. Uma vez que ele nunca pode ser eliminado ou o encontro com ele ser vivido integralmente, a repetição dos encontros desencontrados com ele na vida pode ser esvaziada a ponto de se reduzir a uma constante. A repetição que ele encarna, apresentando-se sempre no mesmo ponto da vida afetiva, de modo figurado, reduz-se à pedra de Drummond, do poema também retomado por J. A. Miller.

É lidando com essa pedra que se lida com a repetição em análise e pode-se concluir. Não nos livramos da repetição, seria nos livrarmos do nosso modo de desejar, ter prazer e de gozar (e que Lacan chama fantasia). Impossível.

Eu diria, quase, resvalando para uma retórica meio vazia, que abraçamos a repetição ou, dito de outro modo, mudamos o modo como lidamos com a repetição ainda assim repetindo, é o que assinala o “nunca esquecerei daquela pedra” do poema.

É uma proposta ao mesmo tempo clínica e política.

Buscaremos as pontes, ou as faremos construir, para que, no intermédio materialize-se o sujeito; a seguir, de encontro em encontro com ele, vá se delineando o objeto que se ocultava nessa busca, para que finalmente seja possível abrir-se de outro modo à alteridade; sempre ao mesmo estilo, mas agora podendo compondo-se como que virá.

---

<sup>1</sup> <https://litura.com.br/wp-content/uploads/2023/07/Amor-e-devastacao-sofrecias-2.pdf>